Tendências da Pesquisa Brasileira em Ciência da Informação

A FORÇA SEM FORÇA DO LIVRO: BIBLIOCLASTIA EM LIVROS DE DIREITOS HUMANOS NA UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA[1]

THE POWERLESS FORCE OF THE BOOK: BIBLIOCLASM IN HUMAN RIGHTS BOOKS AT THE UNIVERSITY OF BRASÍLIA

Ana Karolina Alves Amorim[2]
Rodrigo Rabello[3]

Resumo: Em 2018, a Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB) tornou pública a danificação deliberada de livros sobre direitos humanos em seu acervo. Esse ato biblioclasta gerou ampla repercussão e levou à criação do Espaço Direitos Humanos da BCE/UnB. Partindo da premissa de que a abordagem fisicista da ciência da informação tem se imposto na área mediante um "argumento de autoridade" que reduz o livro a um "suporte de informação registrada" e meio de acesso ao conhecimento, argumenta-se que concepções alternativas, como as formuladas pela neodocumentação, ampliam as possibilidades interpretativas. Entre elas, destaca-se a "autoridade do argumento" vinculada à materialidade do livro, que reconhece suas dimensões simbólicas para além da informação registrada. O objetivo deste estudo é analisar os agenciamentos que originaram o Espaço Direitos Humanos e refletir sobre a materialidade do livro, suas forças e implicações epistêmicas e políticas. Para isso, recorre-se a uma revisão narrativa da literatura, a elementos da pragmática habermasiana e, como recurso heurístico, a pressupostos da teoria do ator-rede. Os dados foram coletados por meio de entrevistas com atores institucionais e pesquisa documental. Os resultados indicam que a neodocumentação tem integrado a perspectiva fisicista às diferentes camadas de materialidade do livro, evidenciando suas múltiplas dimensões.

Palavras-Chave: Livro. Materialidade. Biblioclastia. Biblioteca Universitária. Universidade de Brasília. Teoria ator-rede.

[1] Texto ampliado a partir do resumo expandido submetido, avaliado, aprovado, apresentado e premiado no XXIV Encontro Nacional de Pesquisa em Ciência da Informação (XXIV ENANCIB 2024 – Vitória/ES).

[2] Mestrado em Ciência da Informação pela UnB. E-mail: anakarolinabsb2@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0002-5631-1030.

[3] Doutorado em Ciência da Informação pela Unesp. Professor Adjunto da UnB. E-mail: rdgrabello@gmail.com. ORCID: https://orcid.org/0000-0001-7217-1608.

Abstract: *In 2018, the Central Library of the University of Brasília (BCE/UnB) publicly disclosed the deliberate damage to books on human rights in its collection. This biblioclastic act generated widespread repercussions and led to the creation of the BCE/UnB Human Rights Space. Based on the premise that the physicalist approach in information science has asserted itself in the field through an "argument from authority" that reduces the book to a "medium for recorded information" and a means of accessing knowledge, it is argued that alternative conceptions, such as those formulated by neodocumentation, brearen interpretative possibilities. Among these, the "authority of the argument" linked to the materiality of the book stands out, recognising its symbolic dimensions beyond recorded information. This study aims to analyse the assemblages that gave rise to the Human Rights Space and to reflect on the materiality of the book, its forces, and its epistemic and political implications. To this end, a narrative literature review is employed, along with elements of Habermasian pragmatics and, as a heuristic resource, assumptions from actor-network theory. Data were collected through interviews with institutional actors and documentary research. The findings indicate that neodocumentation has incorporated the physicalist perspective into the different layers of the book's materiality, highlighting its multiple dimensions.*

Keywords: *Book. Materiality. Biblioclasm. University Library. University of Brasília. Actor-network theory.*

1 INTRODUÇÃO

O Espaço Direitos Humanos da Biblioteca Central da Universidade de Brasília (BCE/UnB) foi inaugurado em 20 de novembro de 2018, Dia da Consciência Negra, e tem o objetivo de suportar as necessidades informacionais da comunidade usuária sobre o tema e fomentar a produção de conhecimentos relacionados aos direitos humanos (Universidade de Brasília, 2024).

Parte-se do entendimento de que a criação do Espaço transcende esse objetivo, pois sua criação está relacionada ao caso de biblioclastia ocorrido na BCE/UnB em outubro de 2018, quando a instituição notou a danificação de livros de direitos humanos contidos em seu acervo. A biblioclastia é entendida como a destruição intencional de livros: a palavra "biblioclasta" tem origem no grego *biblion* (livro) e *klao* (romper). O biblioclasta é um "destruidor de livros", conforme Domingo Buonocore (Meneses-Tello, 2023).

Os livros, mormente concebidos como representantes da memória e cultura de um determinado grupo social, podem se tornar alvo de biblioclastia. Essa situação assim se caracteriza quando um grupo antagônico destrói a memória coletiva materializada nesses objetos (Santos, 2017). Nesse contexto, os livros de direitos humanos da BCE/UnB foram alvo de violência (física e simbólica), o que demonstra a significação de tais objetos a coletividades (Pomian, 1998), estando esta dimensão simbólica para além do conteúdo descritivo e temático explícito no objeto (Murguia, 2009), já que outras camadas de significação se somam a tal conteúdo.

Há necessidade, então, de considerar a complexidade de tais camadas de significação, sobretudo na área de ciência da informação, que historicamente se apoiou e vem se apoiando em uma abordagem fisicista ou fisicalista, compondo um "paradigma físico" (Capurro, 2007), com foco, dentre outros aspectos, na informação registrada (Amorim, 2024; Amorim; Rabello, 2022; Rabello, 2019). Assim, essa perspectiva enfatizou e vm enfatizando o conteúdo explícito e os suportes de informação, algo que se impôs como um tipo de "argumento de autoridade". Nessa direção, o livro foi sendo concebido sobremaneira como "suporte de informação registrada", que permite o acesso ao conhecimento.

Nesse ponto, ressalta-se o recurso pragmático da "força sem força do melhor argumento", criado por Jürgen Habermas (Demo, 2011), para demonstrar que o "argumento de autoridade" se baseia em cânones rígidos, e se impõe com força pretensamente inquestionável, coercitiva. A "autoridade do argumento", por sua vez, é a qualidade de o argumento poder ser questionado e de possibilitar outras perspectivas, exercendo uma força própria.

Nesse sentido, ao problematizar a concepção do livro apenas como

"suporte de informação registrada" ou "registro", busca-se enfoques alternativos, como aqueles propostos pela neodocumentação, para refletir sobre a "força sem força do livro" e, complementarmente, sobre a força sem força da "autoridade do argumento" vinculada à materialidade do livro (Amorim, 2024; Amorim; Rabello, 2022).

Em última instância, busca-se apresentar os agenciamentos do objeto livro que – em sua "força sem força" – originaram ou atuaram como centelha inicial para a criação do Espaço Direitos Humanos da BCE/UnB. À luz da rede resultante, propõe-se, por fim, uma reflexão sobre a materialidade do objeto, sua força pragmática e suas possíveis implicações epistêmicas e políticas.

A fundamentação teórica contou com o recurso da revisão narrativa da literatura, a fim de identificar conceitos-chave, conhecer como os temas têm sido abordados e obter subsídios para aprofundar as interpretações (Rother, 2007).

Os resultados foram coletados por meio de entrevistas semiestruturadas com atores institucionais – funcionários e estudantes/usuários da BCE/UnB – envolvidos direta ou indiretamente na criação do Espaço Direitos Humanos. Além disso, foram analisados documentos resultantes desses agenciamentos.

As informações obtidas foram analisadas, ainda, à luz das contribuições da pragmática habermasiana (Demo, 2011), com o intuito de refletir sobre a força do argumento da materialidade do livro como documento (Rabello, 2019; Amorim; Rabello, 2022). Além disso, considerou-se a própria "força sem força" desse ator não humano, capaz de desencadear ações biblioclastas. Para essa análise, foram mobilizados aportes da teoria ator-rede (Latour, 2012; 2016).

2 INFORMAÇÃO REGISTRADA

Uma premissa do racionalismo moderno consiste em difundir o saber para alcançar o progresso. A Idade Moderna, nesse contexto, foi palco para o surgimento de instituições e instrumentos destinados à preservação e transmissão de informação registrada. No caminho que levou ao cientificismo, livros, enciclopédias, periódicos científicos, entre outros meios, tornaram-se objetos de ações racionais voltadas à preservação e transmissão de informação para a produção de conhecimento (Mendes, 2016).

Como fruto do aperfeiçoamento de critérios e políticas de comunicação científica, a emergência do movimento bibliográfico, na segunda metade do século XIX, tem sido concebida como um terreno fértil para a origem do percurso disciplinar da ciência da informação (Ortega, 2009). Nesse contexto, é possível observar as contribuições das preocupações com a documentação na primeira metade do século XX, a partir dos trabalhos de Paul Otlet e Henri La Fontaine. A documentação se caracterizou por focar na organização do conhecimento como meio para a recuperação de documentos no contexto da promoção de uma cultura de paz (Rayward, 1995; 2014).

Noutra direção, a biblioteconomia especializada se desenvolveu sobremaneira em solo estadunidense desde meados da segunda metade do século XIX. A partir dos anos 1950, ela também foi um terreno fértil para a criação da ciência da informação, sobretudo com a crescente preocupação no desenvolvimento e na gestão de sistemas de informação, contando com a relação com outros saberes e com o desenvolvimento tecnológico para a recuperação da informação e para a resolução de problemas no período pós Segunda Guerra Mundial (Saracevic, 1996).

Inicialmente focada nas demandas de recuperação e/ou armazenamento da informação, a ciência da informação se preocupou, em seus primórdios, com os aspectos técnicos e representacionais da comunicação do conhecimento, bem como com o comportamento e os efeitos da informação, seus usos e usuários, sistemas de acesso e recuperação da informação, entre outros (Saracevic, 2009).

Considerando essa trajetória, é possível observar a construção de um percurso disciplinar que tem priorizado os suportes de informação e a organização e a recuperação da informação registrada armazenada em determinado sistema, algo que influenciou a emergência e estabelecimento do próprio campo, seu objeto definidor e enfoques epistemológicos.

Esses interesses teórico-práticos focaram aspectos físicos da informação e os conteúdos explícitos nos suportes, dando origem a uma tradição fisicalista ou fisicista da ciência da informação, algo expresso em um “paradigma físico” (Capurro, 2007), impondo-se como um argumento de autoridade fundador do campo, haja vista, por exemplo, a força da ideia de “informação-como-coisa” (Buckland, 1991), constantemente revisitada, ainda que parcialmente, para se referir à informação registrada.

Existe, e persiste, a força de um argumento de autoridade fundamentado na primazia da informação registrada, concebida como o principal objeto de estudo da ciência da informação (Buckland, 1991; Le Coadic, 1996). O argumento de autoridade é aquele que se sustenta em uma instância reconhecida como legítima e nem sempre se abre ao diálogo (Demo, 2011). No caso em questão, tal argumento é respaldado por uma comunidade que se

posiciona como "porta-voz" e instância normativa de uma determinada episteme.

No campo científico, esse tipo de argumentação pode ser associado à resistência a mudanças, característica do que Kuhn (2005) denominou "ciência normal". Nesse sentido, a centralidade conferida à informação registrada tem funcionado como um "porto seguro" para parte do discurso disciplinar da ciência da informação, gerando implicações tanto epistêmicas quanto políticas.

Um de seus efeitos recai, por exemplo, no entendimento do livro quando concebido como suporte de informação registrada que permite o acesso ao conhecimento e nos estudos e ações de tratamento (descritivo e temático) para fins de organização e recuperação da informação.

Para fomentar o questionamento, propõe-se a consideração de enfoques alternativos e dimensões diversas da informação, algo que encontra terreno fértil à luz de proposições desenvolvidas no âmbito do movimento neodocumental. Esse percurso amplia os horizontes de investigação ao incorporar conceitos como o de materialidade.

3 DIMENSÕES DE MATERIALIDADE DO LIVRO

O movimento neodocumental representa uma abertura epistemológica na ciência da informação a partir da década de 1990, com contribuições de autores como Michael Buckland, Ronald Day, Bernd Frohmann, entre outros. Trata-se de um resgate da documentação otlet-brietiana nos estudos anglo-americanos (Ortega; Saldanha, 2017), num contexto em que se propõem novos caminhos para o estudo, como a ampliação da noção de política de informação e a

exploração das possibilidades investigativas da materialidade da informação e do documento, entre outras (Amorim; Rabello, 2023).

Nesse contexto, a materialidade pode ser compreendida sob a forma de enunciados que permanecem com certa resistência e que circulam no mundo social, gerando efeitos (Frohmann, 2000). Apesar de se estabilizar na fisicalidade dos objetos informacionais, a materialidade transcende essa fisicalidade (Frohmann, 2008). A materialidade não se restringe ao conteúdo explícito em um suporte. Ela abarca valores e práticas que podem se constituir em instituições e redes, em regimes de informação (Frohmann, 1995).

Nesse sentido, neodocumentalistas, como Frohmann, têm ampliado os horizontes da tradição documental, trabalhando com valores presentes nas práticas de produção documental, nos agenciamentos e em seus efeitos (Amorim; Rabello, 2023). Entre essas práticas, pode-se citar a formação de coleções que refletem as imbricações com alcances sociais diversos, como é o caso do colecionismo bibliográfico ou das coleções institucionalizadas (Murguia, 2009). Os efeitos de outras dimensões de materialidade – para além do conteúdo explícito presente no livro – tende a indicar uma diferenciação do argumento de autoridade fundamentado na informação registrada.[4]

Sem negar a relevância do livro como suporte de informação registrada, o objeto carrega ademais outros aspectos simbólicos que podem levar a necessidade de sua preservação ou de seu desfazimento/destruição. Neste caso, um livro pode ser aniquilado ou mutilado quando considerado um objeto perigoso ou subversivo. A história está repleta de exemplos de biblioclastia em

[4] São exemplos de dimensões de materialidade aquelas relacionadas à memória individual e coletiva, aos modos de institucionalidade e a determinadas agências informacionais, envolvendo valores simbólicos, pragmáticos, políticos, mercadológicos, científicos, entre outros (Amorim; Rabello, 2022; Rabello, 2019).

ações bélicas, dentre as quais quando uma biblioteca se encontra na condição de espólio de guerra, e/ou quando é resultado de intolerâncias de toda sorte (étnica, política, religiosa, dentre outras) (Báez, 2006).

Se há forças para a destruição de livros a partir das dimensões de sua materialidade, outras podem encontrar em tais dimensões um meio de luta ou de resistência às formas de intolerância. Esse foi o caso da reação da UnB quando a sua Biblioteca Central foi alvo de ações de biblioclasta(s).

4 REDE E ASSOCIAÇÕES

A teoria ator-rede ou teoria do ator-rede (TAR, do inglês *Actor-Network Theory*) é um recurso heurístico que permite compreender como uma ou mais redes se constituem a partir das associações entre atores. Nesse contexto, esse recurso foi utilizado para analisar uma situação de biblioclastia ocorrida na BCE/UnB. Parte-se do pressuposto de que, por meio dos agenciamentos entre atores humanos e não-humanos – ou seja, actantes, que realizam e provocam ações –, é possível observar os agenciamentos e as dimensões de materialidade do livro.

A teoria ator-rede se insere nos estudos de ciência e tecnologia, com particular atenção ao desenvolvimento de investigações sociais da ciência, ou antropologia das ciências, e tem como expoentes autores como Michel Callon, Bruno Latour, John Law, Madeleine Akrich, entre outros. Latour, em sua abordagem, se interessa pela produção de fatos científicos e questiona, por exemplo, os cânones rígidos da sociologia. Para ele, é necessário seguir os atores e descrever os agenciamentos que formam as redes. Nesse entendimento, não caberia à sociologia estudar o social, mas sim o enredamento composto e originado pelas associações de atores (Latour, 2012).

Segundo Latour, devemos considerar que estamos sempre um passo atrás dos atores, os quais devem ser tratados de forma simétrica: não há hierarquia entre atores humanos e não-humanos, pois ambos se mesclam e formam híbridos — entidades coletivas e mutáveis. No interior das redes, ocorrem diversos cursos de ação, nos quais os atores se associam, formando composições. O resultado situacional de um ou mais cursos de ação é o que o autor chama de tradução(ões) (Latour, 2016).

Com isso, seguindo os atores envolvidos na criação do Espaço Direitos Humanos na BCE/UnB, poderemos observar alguns agenciamentos de modo a exemplificar como actantes não-humanos – os livros de direitos humanos – mobilizaram um coletivo.

5 APRESENTAÇÃO E ANÁLISE DOS RESULTADOS

5.1 O CASO DE BIBLIOCLASTIA NA BCE/UNB

Em 4 de outubro de 2018, a BCE/UnB divulgou uma nota pública informando o dano proposital de cinco livros de seu acervo de direitos humanos (Universidade de Brasília, 2024b). A partir da nota, diversos veículos de comunicação publicaram reportagens (*Correio Braziliense*, *Agência Brasil*, *G1 DF*, etc.), bem como outras unidades da UnB (Gabinete da Reitoria) e do Governo Federal (Ministério dos Direitos Humanos) publicaram notas de repúdio. Em 10 de outubro, a comunidade acadêmica realizou um protesto contra os atos biblioclastas, e estudantes do Programa de Pós-Graduação em Direitos Humanos e Cidadania (PPGDH) da UnB doaram livros para a biblioteca.

O ato de biblioclastia foi percebido como uma afronta simbólica às conquistas no âmbito dos direitos humanos e da democracia, assim como um

ataque às religiões de matriz africana, tema de parte dos objetos que foram alvo de mutilação. Além disso, o episódio estava inserido num contexto de eleições presidenciais dos candidatos Fernando Haddad (do Partido dos Trabalhadores) e Jair Bolsonaro (então do Partido Social Liberal). O período foi marcado pelos ataques às instituições democráticas, dentre as quais as universidades públicas, advindos dos apoiadores de extrema-direita, eleitores de Bolsonaro, e do próprio candidato.

A ação de biblioclasta(s) teve como catalisador a força paradoxal dos objetos – especificamente, dos livros de direitos humanos –, que, embora fisicamente inertes, despertaram, em razão de seu conteúdo e de sua carga simbólica, uma reação de fúria que culminou em um ato de violência física e simbólica contra esses patrimônios públicos da BCE/UnB. Os servidores da BCE/UnB, em reação à ação biblioclasta, buscaram meios de defender a instituição e a democracia. Uma das iniciativas foi a criação do Espaço Direitos Humanos, proposta esta mobilizadora de uma rede e de seus agenciamentos.

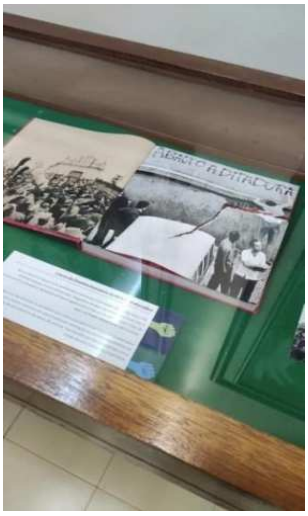
5.2 CRIAÇÃO DO ESPAÇO DIREITOS HUMANOS

5.2.1 Actantes institucionais – funcionários da BCE/UnB em 2018

Acompanhando a premissa da teoria ator-rede de seguir os atores que constroem o social, foram entrevistadas pessoas[5] envolvidas na criação do Espaço Direitos Humanos. As entrevistas foram realizadas entre dezembro de 2023 e março de 2024.

[5] Em consonância com a TAR, e como forma de proteger a identidade dos entrevistados, será utilizado o termo "actantes" para se referir a eles; embora o artigo masculino acompanhe genericamente o termo, os relatos são de pessoas de ambos os sexos, masculino e feminino.

Figura 1 – Livro mutilado exposto na entrada do Espaço Direitos Humanos e inauguração do Espaço em 2018



Fonte: Arquivo pessoal.



Fonte: Beto Monteiro/Secom UnB.

O actante 1 foi identificado com base na pesquisa documental, e trabalha na biblioteca. Entende o livro como "símbolo de evasão de significados" e a biblioteca como patrimônio público de elevada importância. Esse actante relata que, frequentemente, livros eram encontrados rasgados no acervo, mas foi observado um padrão nas obras mutiladas. O momento político alertou os profissionais, que então tomaram a decisão de publicar a nota pública e criar o Espaço. O actante 1 se envolveu em todo o processo de criação e relata que, em uma reunião, discutiu-se o nome do Espaço. Alguns tinham o interesse de que se chamasse "Espaço Marielle Franco"[6], porém outros argumentaram que havia medo de retaliações e, ao final, o nome "Espaço Direitos Humanos" conseguiu maior adesão.

O actante 2 foi uma indicação do actante 1. O segundo actante concebe o livro como fonte de informação, destacando o seu valor afetivo. Seu papel foi de

[6] Em homenagem à vereadora carioca assassinada, junto a seu motorista, Anderson Gomes, em março de 2018.

receber os livros que estavam sendo encontrados mutilados e de identificar, junto com os colegas, o perfil desses livros. Foi responsável por levar a situação à direção da BCE e também contatou a rede de televisão Bandeirantes para noticiar o fato.

O actante 3 já tinha a ideia de dar visibilidade à temática de direitos humanos por conta do contexto de instabilidade política, e entendeu o caso como uma forma de intimidação. Resolveu que a biblioteca "responderia à altura" e pensou no Espaço como uma forma de demarcar simbolicamente que a BCE não era lugar para vandalização. O actante 3 concebe o livro como "um artefato de materialização do conhecimento", e a biblioteca como um espaço fundamental de democratização e socialização da informação.

O actante 4 trabalhou para reunir o acervo do Espaço. Entrou em contato com o PPGDH da UnB para que pudesse ajudar na seleção de obras, e designou obras que já existiam na biblioteca para serem remanejadas para o Espaço, e outras para compra. O actante 4 concebe o livro como objeto, canal ou símbolo de afeto; e a biblioteca como uma instituição com peso e relevância na sociedade.

5.2.2 Actantes institucionais – estudantes/usuários da BCE/UnB em 2018

Para além de funcionários da BCE/UnB, foram entrevistados usuários da biblioteca que estiveram inseridos no contexto dos eventos de 2018 ou que acompanharam, nalguma medida, as repercussões que deram origem ao Espaço.

Em 8 de março de 2024, um usuário que visitava o espaço foi convidado a participar da pesquisa. Matriculado em 2018, ele se recordava dos eventos ocorridos naquele ano. Identificado como actante 5, é graduado em

Biblioteconomia e mantém uma relação de carinho e apego com os livros e as bibliotecas. Em suas palavras, “o livro é uma janela que te permite visualizar múltiplos horizontes”. Assim como o actante 3, prefere presentear livros em vez de emprestá-los, receoso de que não sejam devolvidos ou retornem danificados.

Em relação à biblioteca, reconhece sua importância por viabilizar o acesso ao conhecimento, evidenciando sua função social. Tendo ingressado na UnB em 2017, testemunhou os eventos de 2018 e relata ter reagido com espanto, por acreditar que os livros estariam seguros naquele ambiente. Considera difícil aceitar que tenham sido mutilados “pelo prazer de mutilar”.

Embora não tenha participado da manifestação de 10 de outubro, compartilhou a nota oficial da instituição nas redes sociais. Foi também por meio dessas plataformas que tomou conhecimento da inauguração do espaço e decidiu visitá-lo. Afirma gostar de frequentá-lo quando vai à biblioteca, por considerá-lo um ambiente bonito e aconchegante, que simboliza resistência.

Figura 2 – Espaço Direitos Humanos e equipe da BCE/UnB na inauguração



Fonte: Beto Monteiro/Secom UnB.

Ao ser questionado sobre ações para fomentar o uso do Espaço, sugeriu atividades cooperativas, como debates sobre direitos humanos e exibições de documentários e filmes sobre o tema e os defensores representados nos quadros. Além disso, propôs atividades culturais, como saraus de poesia e exposições. O actante 5 também indicou outros atores que estavam na universidade em 2018 e que poderiam contribuir com a pesquisa. Esses atores foram contatados e convidados a participarem da pesquisa.

O actante 6 cursou filosofia na UnB e, atualmente, é professor, lecionando a disciplina em uma escola pública. Sua relação com os livros é influenciada por sua atuação profissional, sendo o livro seu principal objeto de trabalho, utilizado para pesquisas dentro e fora da sala de aula. Apesar de seus pais sempre terem incentivado a leitura, ele só adquiriu esse hábito com mais intensidade na graduação e, hoje, possui uma coleção de livros em casa.

Ele comentou que não tem problemas em emprestá-los, mesmo sabendo que podem não ser devolvidos. Alguns livros despertam apego, enquanto outros não, dependendo da relação que estabelece com cada exemplar – seja por terem

feito parte de um momento importante de sua vida, terem sido presente, etc. No que diz respeito à BCE/UnB, ele continuou frequentando a biblioteca mais para socializar do que para pegar livros emprestados, com exceção do período em que era estudante da UnB, quando frequentava a BCE com regularidade para estudar. Em sua opinião, a biblioteca representa "um grande espaço de memória e de acesso democrático à informação", embora ressalte que nem todos têm à disposição uma biblioteca próxima de sua residência.

O actante 6 ingressou na UnB em 2017 e, portanto, foi contemporâneo aos eventos de 2018. Embora não tenha participado de nenhuma manifestação, ele considerou "uma burrice tão grande" a situação ocorrida, pois, em sua visão, rasgar um livro é uma ação sem propósito, mesmo quando o exemplar possa carregar alguma carga simbólica negativa.

Ele conhece o Espaço Direitos Humanos da BCE, mas não sabia que ele havia sido criado como resposta a uma ação de biblioclastia. Acredita que essa iniciativa é importante tanto para a biblioteca quanto para a comunidade, pois serve para recordar a importância dos direitos humanos. Inclusive, destaca que, em 2018, enquanto cursava uma disciplina sobre Tópicos em Psicologia da Educação – que abordava os 70 anos da promulgação da Declaração Universal dos Direitos Humanos –, ele pensou que o Espaço também servia como uma forma de homenagear esse marco. Por fim, o actante 6 sugeriu divulgar o espaço nas redes sociais da instituição, criar conteúdos e chamar a comunidade, já que nem todos conhecem a história por trás desse local.

Outro ator entrevistado foi o actante 7, que começou a estudar na UnB em 2018, no curso de Ciências Contábeis, e atualmente trabalha em uma empresa de auditoria. Desde cedo, desenvolveu o hábito de ler, já que sua mãe

costumava presenteá-lo com livros. Em decorrência disso, hoje ele possui uma coleção diversificada de obras que abrangem diversos assuntos.

O actante 7 prefere o livro físico ao digital, pois tem mais apego ao objeto. Ele argumenta que a leitura em papel retém mais a atenção do leitor do que a leitura em tela, que oferece inúmeros recursos de distração. Quanto ao próprio livro, aprecia sua estética, o cheiro, o toque e até o fato de poder marcá-lo à vontade com canetas e *post-its*; em suma, considera a leitura em papel "mais real".

Sempre frequentou bibliotecas e gostava de passar tempo nesses ambientes. Quando era criança, desfrutava de ler quadrinhos e, na adolescência, gostava de compartilhá-los com os amigos. Além disso, cultivou o hábito de pegar livros emprestados na biblioteca da escola, da universidade e com os amigos. Para ele, a biblioteca "é um espaço que a gente ainda vê mais com um olhar voltado para a necessidade imediata de algo", mas, ao mesmo tempo, deve ser encarada como um local de debate, interação e socialização.

Em relação aos acontecimentos de 2018, o actante 7 recorda que foi um período conturbado e entende que a mutilação dos livros teve o objetivo de causar medo. Ele se recorda de ameaças na Universidade e acredita que a destruição desses objetos sinaliza que os direitos humanos estão constantemente em risco, especialmente naquele ano, com a iminência da eleição de um candidato que não defendia tais causas. Ademais, ressalta que sentimentos de medo e impotência surgiriam se ele se deparasse com a mutilação desses livros, uma vez que a violência física contra o objeto tem uma forte carga simbólica.

Após a inauguração, ele conheceu o Espaço e passou a frequentá-lo sempre que ia à biblioteca. Contudo, achou que o local estava pouco movimentado – "um espaço parado" – e acredita que faltam eventos para atrair a atenção da comunidade. De modo geral, os usuários da BCE presentes em 2018 corroboram o clima de temor que predominava na Universidade, tanto entre os servidores quanto entre os estudantes.

O apego ao livro é evidente nas falas dos entrevistados; mesmo aqueles que afirmam não ter apego reconhecem sua dependência do objeto, valorizado tanto pelo seu conteúdo quanto pelos sentimentos, sensações, toque e cheiro que evoca. Em suma, a experiência de leitura em papel é considerada "mais real", revelando as múltiplas dimensões deste objeto.

5.2.3 Actantes institucionais – estudantes/usuários da BCE/UnB em 2023

Foram escolhidos aleatoriamente dois usuários convidados a participar da pesquisa, de modo a obter subsídios, mesmo que gerais, sobre como o Espaço Direitos Humanos é percebido e utilizado pela comunidade.

Em 4 de dezembro de 2023, foi realizada uma entrevista com o actante 8, discente do curso de Biblioteconomia, que sempre se sentiu confortável com o silêncio da biblioteca, enxergando esse espaço como um local de paz que lhe traz prazer e bem-estar. Ele concebe as bibliotecas como espaços culturais e inclusivos que fomentam a convivência e possibilitam um mundo de oportunidades, assim como a universidade.

Por ter ingressado na UnB após o ano de 2018, o actante 8 não possui memórias diretas sobre a mutilação dos livros, tendo apenas "ouvido dizer" sobre o ocorrido. Ele compara a ideia de livros mutilados a "pessoas mutiladas",

pois, para ele, há uma relação de zelo com esses objetos, e sua mutilação transmite uma "mensagem para ferir".

Em sua opinião, a existência de um espaço como o Espaço Direitos Humanos é fundamental para evitar que casos semelhantes se repitam. Ele ressalta que os espaços de memória são essenciais para resgatar histórias e relembrar acontecimentos. Nesse sentido, cita o papel do Museu da Memória Viva de Ceilândia, situado na Região Administrativa do DF onde mora, cuja proposta é manter viva a memória daquela territorialidade.

O actante 8 destacou também que o Espaço Direitos Humanos lhe traz conforto, principalmente por conta da fotografia exposta de Marielle Franco – uma pessoa que sua mãe conhecia, cujo assassinato foi muito doloroso para sua família. Essa fotografia o chamou a atenção e o motivou a visitar o espaço pela primeira vez, após descobrir sua existência na página do Instagram "UnB Sincera", que publicou uma imagem do local com o piano de Cláudio Santoro. No entanto, até o momento da entrevista, ele ainda não sabia os motivos que levaram à criação do Espaço.

Atualmente, ele afirma que frequenta a biblioteca – e, consequentemente, o Espaço – menos do que gostaria, devido ao acúmulo de multas pendentes. Assim que quitá-las, pretende frequentar mais a BCE, pegar mais livros emprestados e usufruir dos serviços oferecidos. Para fomentar o Espaço Direitos Humanos, acredita que poderiam ser realizadas reuniões do clube do livro e oficinas para que todos conhecessem a história do Espaço, já que, mesmo cursando Biblioteconomia, ele desconhecia essas informações.

Por fim, o actante 8 enfatiza que o espaço precisa ser mais divulgado, para que os alunos não tenham receio de explorar locais desconhecidos, como

aconteceu com ele em algum momento. Seu relato demonstra que as novas gerações de estudantes ainda necessitam de acesso a essas informações para se sentirem mais à vontade em explorar a biblioteca e usufruir de todos os serviços oferecidos.

Outra entrevista foi realizada em 6 de dezembro de 2023 com o actante 9, discente do curso de Letras Estrangeiras Aplicadas, que também enxerga sua relação com os livros e a biblioteca como algo importante.

Ele deposita no livro "confiança e poder", vendo esse objeto como tão relevante que não deveria ser comercializado, já que, segundo ele, não se vende o conhecimento. Por esse motivo, dentre os inúmeros livros que possui em casa, está sempre inclinado a doá-los, em vez de cogitar vendê-los.

Em sua visão, a biblioteca "é um espaço acessível na teoria, mas não é para todo mundo". Ele explica que essa instituição se afasta de alguns públicos, citando, como exemplo, o fato de que geralmente não funciona em horários não comerciais, quando pessoas que trabalham durante o dia teriam mais disponibilidade para frequentá-la.[7] Apesar de considerar a biblioteca um lugar importante, o actante 9 relata que seu contato com a BCE ainda é limitado, pois, devido ao estágio, não tem muito tempo para usufruir dos serviços após as aulas. Antes do estágio, ele a frequentava regularmente para estudar, descansar ou conversar com amigos.

O actante 9, que ingressou na UnB em 2019, não tinha conhecimento sobre o caso de mutilação de livros nem sobre a história do Espaço Direitos Humanos. Em relação à mutilação, ele afirma: "Mutilar é uma palavra pesada. Quando se

[7] Em 2023, a BCE/UnB retomou o funcionamento 24 horas de segunda a sexta-feira, exceto em fins de semana e feriados, quando opera das 7h às 19h. O atendimento 24 horas havia sido interrompido em 2020 devido à pandemia de Covid-19 (Universidade de Brasília, 2023).

trata de um livro, parece que a pessoa é desalmada e não entende o significado da obra.” Essa situação lhe evoca uma sensação de retrocesso, acompanhada de sentimentos de revolta e impotência, pois se trata da destruição de “um objeto que tem um simbolismo forte, ainda mais num momento de fragilidade da democracia”, como foi o caso em 2018.

Ele ainda ressalta que não teria coragem de jogar um livro fora ou desprezá-lo, independentemente de qual fosse o exemplar, e considera a mutilação uma ação extremamente agressiva. O actante 9 conheceu o Espaço Direitos Humanos em uma visita guiada à biblioteca no início do curso, embora na ocasião não tenham sido explicadas as origens do local. Para ele, o espaço é fundamental para demonstrar que, embora possam tentar destruir os livros, a ideia por trás deles permanece sustentada por toda uma narrativa.

Ademais, o actante 9 sugere que, para promover o Espaço, poderiam ser organizadas rodas de conversa, exposições, exibição de documentários sobre militantes e atividades desenvolvidas pelos professores com os alunos. Os relatos dos actantes 8 e 9 corroboram a importância de educar as novas gerações sobre o Espaço Direitos Humanos, bem como de realizar mais atividades de mediação que incentivem o uso e a valorização deste ambiente.

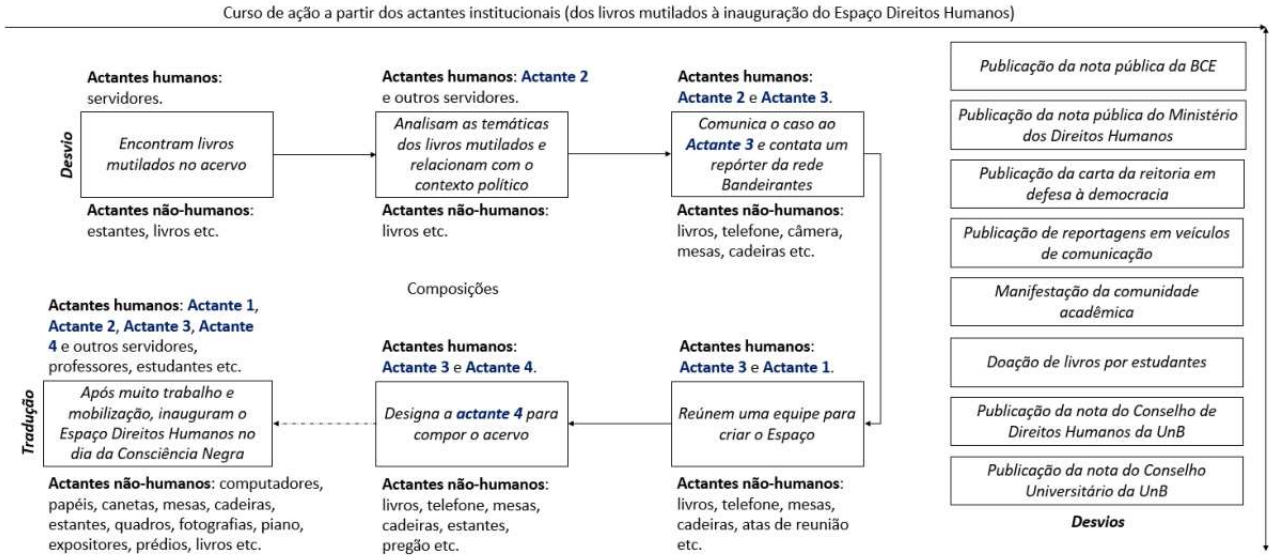
Observa-se que muitos usuários possuem uma relação íntima com os livros, mantendo suas próprias bibliotecas particulares e vendo nesse objeto um verdadeiro semióforo, carregado de significados que vão além do aspecto físico e do seu conteúdo. Novamente, a biblioteca é vista como um espaço crucial de vivências e experiências, onde os simbolismos e as histórias se entrelaçam, formando uma narrativa polifônica.

5.3 O LIVRO E SEUS AGENCIAMENTOS

Considerando o curso de ação a partir dos atores institucionais entrevistados, observou-se, conforme a teoria ator-rede, que houve um desvio, uma interrupção no curso de ação tradicional da biblioteca que envolve rotinas comuns, como aquisição, empréstimo, entre outros. O curso de ação rotineiro foi afetado quando os servidores encontraram livros mutilados no acervo. A partir desse desvio, outros cursos de ação foram gerados e ocorreu uma série de repercussões.

Esses movimentos – ou composições – que se deram no interior desses cursos de ação desencadearam outros desvios, fora da biblioteca. O resultado desses cursos de ação e composições se traduz na inauguração do Espaço em uma data simbólica – dia da Consciência Negra – como uma forma de resistência e resposta aos biblioclastas responsáveis pela mutilação dos livros. A figura a seguir ilustra o curso de ação em questão:

Figura 3 – Curso de ação institucional da criação do Espaço Direitos Humanos da BCE/UnB



Fonte: Elaborada pelos autores, inspirada na teoria ator-rede.

Na figura, podemos observar que o curso de ação se inicia com a ação biblioclasta e com a descoberta de livros mutilados no acervo. Os profissionais analisam as temáticas dos livros mutilados e o actante 2 decide acionar o actante 3 e a rede de televisão para noticiar o ocorrido. A partir daí, o curso de ação vai ganhando novas composições: reportagens, notas públicas, manifestação, etc. Diante da repercussão, o actante 3 e o actante 1 reúnem uma equipe com outros atores para materializar um espaço no qual essa temática pudesse ganhar visibilidade. Na equipe, o actante 4 fica responsável por compor o acervo e aciona outro ator institucional (PPGDH) para auxiliar. Após muito trabalho, o Espaço é organizado e inaugurado.

6 A FORÇA SEM FORÇA DA MATERIALIDADE DO LIVRO

À luz dos resultados obtidos, procurou-se evidenciar outras dimensões da força do livro, para além de sua função como suporte de informação registrada – frequentemente reduzido a um instrumento voltado ao acesso ao conhecimento. Embora essa função tenha desempenhado um papel historicamente relevante no desenvolvimento epistêmico e social, sua centralidade é reforçada pela abordagem fisicista da ciência da informação, ancorada em fundamentos positivistas.

O questionamento de Latour (2019) sobre as promessas da modernidade contribui para a reflexão acerca do livro impresso enquanto artefato moderno. Esse debate amplia a problematização da concepção do livro como suporte exclusivo de informação registrada, permitindo considerar, de forma complementar, as múltiplas dimensões que o constituem e o inserem em contextos sociotécnicos e culturais mais amplos.

Se pretendemos exercitar esse olhar desconfiado, é necessário considerar também outras dimensões que permeiam o objeto livro, concebendo-o "para além da informação" que nele se encontra explicitada. Esse exercício é, em última instância, um autoquestionamento da própria promessa da Ciência moderna (com "C" maiúsculo), que, por vezes, hesita em lidar com a contingencialidade da ideia de verdade.

Uma Biblioteconomia e uma Ciência da Informação que se apresentam com "B" e "C" maiúsculos e impõem sua força ao estabelecer consensos inquestionáveis – como a equação "livro" = "suporte de informação registrada" = "meio de acesso ao conhecimento" – tornam-se, por si sós, limitadoras, pois se fecham a outras abordagens e interrogações, que são pressupostos fundamentais do fazer científico não dogmático. Em contraste, uma biblioteconomia e uma ciência da informação aberta ao diálogo, cuja autoridade emana da solidez argumentativa e não da imposição, dispensa a necessidade de coerção e se fortalece justamente por sua disposição ao questionamento e à pluralidade de perspectivas.

Nesse sentido, a "força sem força" da materialidade do livro, fundamentada na abordagem neodocumental – que amplia as interpretações sobre esse objeto – pode não se apresentar, de imediato, aos olhos mais tradicionais, como o melhor argumento. Ainda assim, essa trajetória aponta para ciências da informação e da documentação que permanecem abertas ao autoquestionamento e à incorporação de conceitos multidimensionais acerca de um de seus principais objetos de estudo – a informação –, cuja característica múltipla e complexa se manifesta no próprio livro, evidenciando sua riqueza interpretativa.

A “força sem força” do argumento, ancorado na compreensão de que o livro é um objeto cuja materialidade transcende sua condição de mero suporte de informação, perde parte de sua potência na ausência de ações de mediação contínuas que restabeleçam, para a comunidade, o sentido de sua significação (como observado, por exemplo, no desconhecimento da história e do motivo da criação do Espaço Direitos Humanos por actantes usuários da BCE/UnB, especificamente os actantes 6, 8 e 9). Pode-se afirmar, em um sentido frohmanniano, que essa potência argumentativa emana das camadas de materialidade e de sua permanência – de sua memória – que tanto constituem quanto são constituídas por esses artefatos.

O convite à reflexão parte da premissa de que não basta acessar ou viabilizar o acesso à informação registrada em objetos, documentos, livros e demais artefatos organizados em coleções e espaços institucionais. Sua existência e disponibilidade são pressupostos necessários, mas insuficientes, se dispositivos e equipamentos informacionais e culturais – como é o caso das bibliotecas – não sejam concebidos como meios efetivos para fomentar protagonismos comunitários de modo plural e democrático.

As possibilidades de intervenção, diálogo e participação são essenciais não apenas para o uso da informação, mas também para fomentar a leitura crítica – e, portanto, reflexiva –, a apropriação de novos conhecimentos e a tomada de posição política frente a questões sensíveis e urgentes, como o combate à intolerância, à violência e à biblioclastia. Nesse contexto, o diálogo sobre a relevância dos direitos humanos – conforme proposto pela criação do Espaço Direitos Humanos da BCE/UnB – configura-se como um vetor estratégico

para ações de mediação, contribuindo para os objetivos que essas iniciativas visam alcançar.

7 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O caso de biblioclastia ocorrido na BCE/UnB demonstra o quanto o livro é um objeto simbólico, valorizado em diversas camadas de significação, agenciando e sendo agenciado por actantes. Como um híbrido, mobiliza atores tanto como alvo de destruição quanto como objeto que deve ser preservado e valorizado. Além de ser um suporte de informação registrada, os objetos mutilados são símbolos que provocam opositores da democracia e dos direitos humanos, ao mesmo tempo que representam a democracia e a luta contra a intolerância.

Portanto, a mencionada hibridez corrobora a complexidade das dimensões de materialidade do livro: ele é muito mais do que um suporte de informação registrada. Essa amplitude pode ser observada na fala dos atores institucionais. Apesar de reconhecerem o livro como fonte de informação, também realçam características as quais evidenciam sua múltipla significação, com valores afetivos, meio de democratização da informação, como meio para resistência e luta política, dentre outros.

Assim, o argumento de existência de dimensões da materialidade do livro ganha força mediante a análise de parte da rede e de seus agenciamentos. Exerce força sem força pela própria qualidade do argumento. Ele não se impõe evocando uma tradição, um cânone. Com o aporte da neodocumentação é possível refletir sobre essa força sem força não no sentido de excluir a perspectiva fisicista, mas de agregá-la às outras dimensões do livro.

REFERÊNCIAS

AMORIM, A. K. A. **A força sem força do livro**: dimensões materiais e criação do Espaço Direitos Humanos da Biblioteca Central da Universidade de Brasília. 2024. 227f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação) – Faculdade de Ciência da Informação, Universidade de Brasília, 2024.

AMORIM, A. K. A.; RABELLO, R. Materialidade do livro: mapeamento e visualização temática na literatura em Ciência da Informação. **RDBCI**: Revista Digital de Biblioteconomia e Ciência da Informação, [*s.l.*], v. 20, n. 00, p. e022021, 2022.

AMORIM, A. K. A.; RABELLO, R. O conceito de materialidade da informação em Bernd Frohmann. **Ibersid**: Revista de Sistemas de Información y Documentación, [*s.l.*], v. 17, n. 2174-081x; p. 103-113, 2023.

BÁEZ, F. **História universal da destruição dos livros**: das tábuas suméricas à guerra do Iraque. Rio de Janeiro: Ediouro, 2006.

BUCKLAND, M. K. Information as thing. **Journal of the American Society for information science**, [*s.l.*], v. 42, n. 5, p. 351-360, 1991.

DEMO, P. **A força sem força do melhor argumento**: ensaio sobre "novas epistemologias virtuais". Brasília: IBICT, 2011. 139 p.

FROHMANN, B. Taking information policy beyond information science: applying the actor network theory. *In*: ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN ASSOCIATION FOR INFORMATION SCIENCE (CAIS/ACSI), 23., 1995, Edmonton-Alberta. **Anais [...].** Edmonton-Alberta: CAIS, 1995.

FROHMANN, B. Discourse and documentation: Some implications for pedagogy and research. **Journal of Education for Library and Information Science**, [*s.l.*], n. 42, p. 13-28, 2000.

FROHMANN, B. O caráter social, material e público da informação. *In*: FUJITA, M. S.; MARTELETO, R. M.; LARA, M. L. G. (Orgs.). **A dimensão epistemológica da ciência da informação e suas interfaces técnicas, políticas e**

institucionais nos processos de produção, acesso e disseminação da informação. São Paulo: Cultura Acadêmica; Marília: Fundepe, 2008. p. 13-36.

KUHN, T. K. **A estrutura das revoluções científicas**. 9.ed. São Paulo: Perspectivas, 2005.

LATOUR, B. **Reagregando o social**: uma introdução à teoria do ator-rede. São Paulo: Edusc, 2012.

LATOUR, B. **Cogitamus**: seis cartas sobre as humanidades científicas. São Paulo: Editora 34, 2016.

LATOUR, B. **Jamais fomos modernos**: ensaio de antropologia simétrica. 4. ed. São Paulo, Editora 34, 2019.

LE COADIC, Y.-F. **Ciência da informação**. Brasília: Briquet de Lemos/Livros, 1996.

MENDES, L. C. O Movimento Bibliográfico: organização do conhecimento no contexto da modernidade. **InCID**: Revista de Ciência da Informação e Documentação, [*s.l.*], v. 7, p. 134-151, 2016.

MENESES-TELLO, F. Biblioclastia y libricidio: crímenes sociales y políticos contra la información y el conocimiento. **Ibersid**: Revista de Sistemas de Información y Documentación, [*s.l.*], v. 17, n. 1, p. 13-32, 2023.

MURGUIA, E. I. O colecionismo bibliográfico: uma abordagem do livro para além da informação. **Encontros Bibli**: Revista Eletrônica de Biblioteconomia e Ciência da Informação, Florianópolis, n. especial, 1. sem., p. 87-104, 2009.

ORTEGA, C. D. A documentação como uma das origens da ciência da informação e base fértil para sua fundamentação. **Brazilian Journal of Informational Science**, [*s.l.*], v. 3, n. 1, p. 3-35, jan./jun. 2009.

ORTEGA, C. D.; SALDANHA, G. S. A noção de documento desde Paul Otlet e as propostas neodocumentalistas. *In*: ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 18., 2017, Marília. **Anais** [...]. Marília: UNESP, 2017.

POMIAN, K. História Cultural, História dos Semióforos. *In*: RIOUX, Jean-Pierre; SIRINELLI, Jean-François (Org.). **Para uma história cultural**. Lisboa: Estampa, 1998. p. 71-95.

RABELLO, R. Informação materializada e institucionalizada como documento: caminhos e articulações conceituais. **Brazilian Journal of Information Studies**: Research Trends, [*s.l.*], v. 13, n. 2, p. 5-25, 2019.

RAYWARD, W. B. Orígenes de la ciencia de la información y del Instituto International de Bibliografía / Federación Internacional de Información y Documentación (FID). *In*: RAYWARD, W. B.; ARNAN RIVED, P. **Hasta la documentación electrónica**. 2. ed. Madrid: Mundarnau, 1995.

RAYWARD, W. B. Introduction: International exhibitions, Paul Otlet, Henri La Fontaine e the paradox of the Belle Époque. *In*: RAYWARD, W. B. (Ed.). **Information beyond borders**: international cultural and intellectual exchange in the Belle Époque. Surrey: Ashgate, 2014.

ROTHER, E. T. Revisão sistemática x revisão narrativa. **Acta Paulista de Enfermagem**, v. 20, n. 2, abr./jun. 2007.

SANTOS, J. M. A biblioclastia como mecanismo de controle social. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, [*s.l.*], v. 13, n. 2, p. 85-97, jul./dez. 2017.

SARACEVIC, T. Ciência da informação: origem, evolução e relações. **Perspectivas em Ciência da Informação**, [*s.l.*], v. 1. n. 1, p. 41-62, jan./jun. 1996.

SARACEVIC, T. Relevance: A review of and a framework for the thinking on the notion in information science. *In*: BRAGA, G. M.; PINHEIRO, L. V. R. (Org.). **Desafios do impresso ao digital**: questões contemporâneas de informação e conhecimento. Brasília: Ibict, 2009. p. 15-70.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteca Central. **Espaço Direitos Humanos**. Brasília: Biblioteca Central, c2024. Disponível em: https://www.noticias.unb.br/component/agenda/agenda/2199. Acesso em: 9 mar. 2025.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteca Central. **Nota Pública, de 5 de outubro de 2018**. Brasília: Biblioteca Central, 2018.

UNIVERSIDADE DE BRASÍLIA. Biblioteca Central. **BCE volta a funcionar 24 horas em dias úteis**: Usuários poderão acessar alguns dos principais serviços na madrugada a partir desta segunda-feira (27). Espaço POP também estará disponível aos sábados. Brasília: Biblioteca Central, 2023. Disponível em: https://noticias.unb.br/informes/6346-bce-volta-a-funcionar-24-horas-em-dias-uteis. Acesso em: 9 mar. 2025.

AGRADECIMENTOS

Agradecemos à Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) pelo financiamento desta pesquisa.